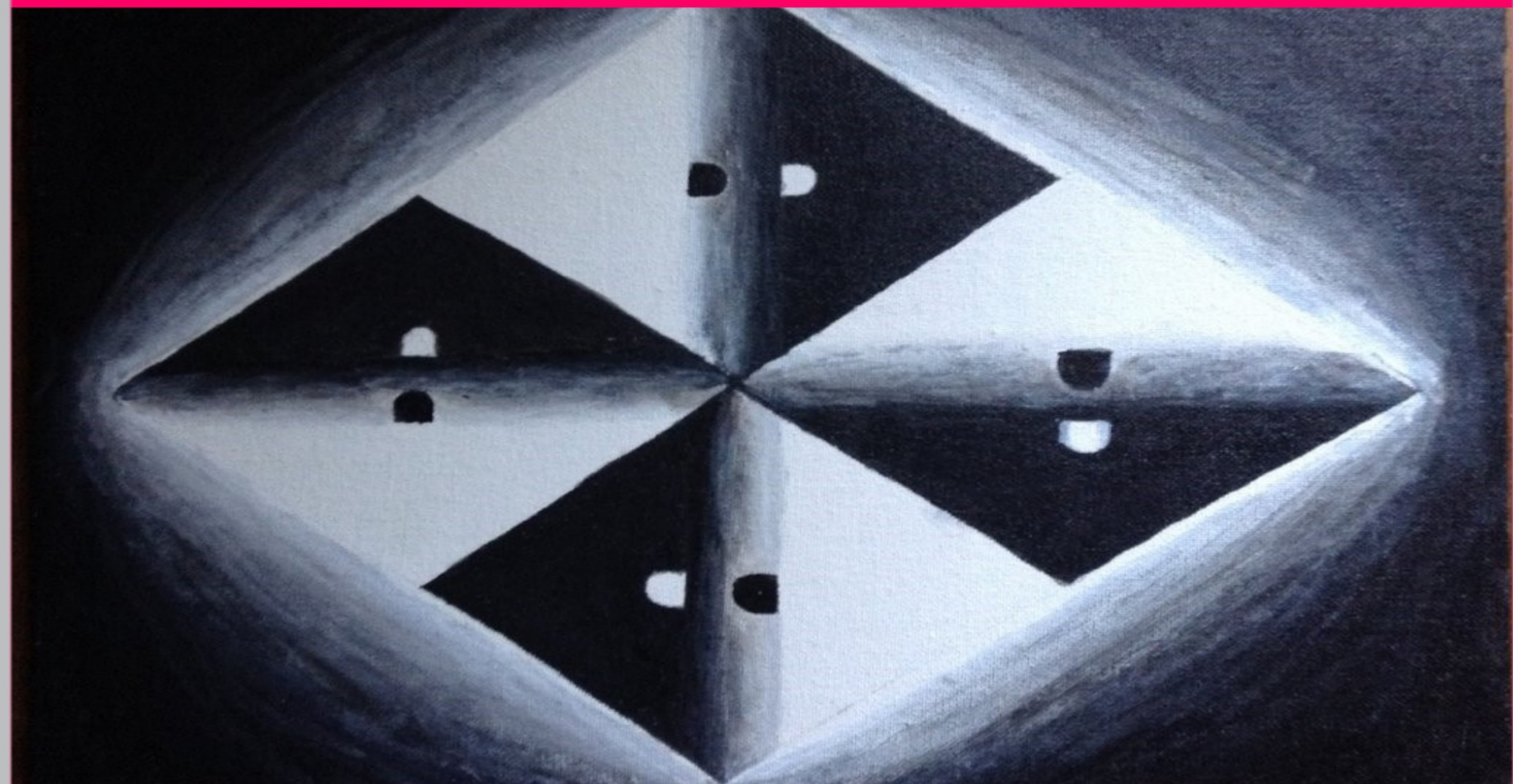
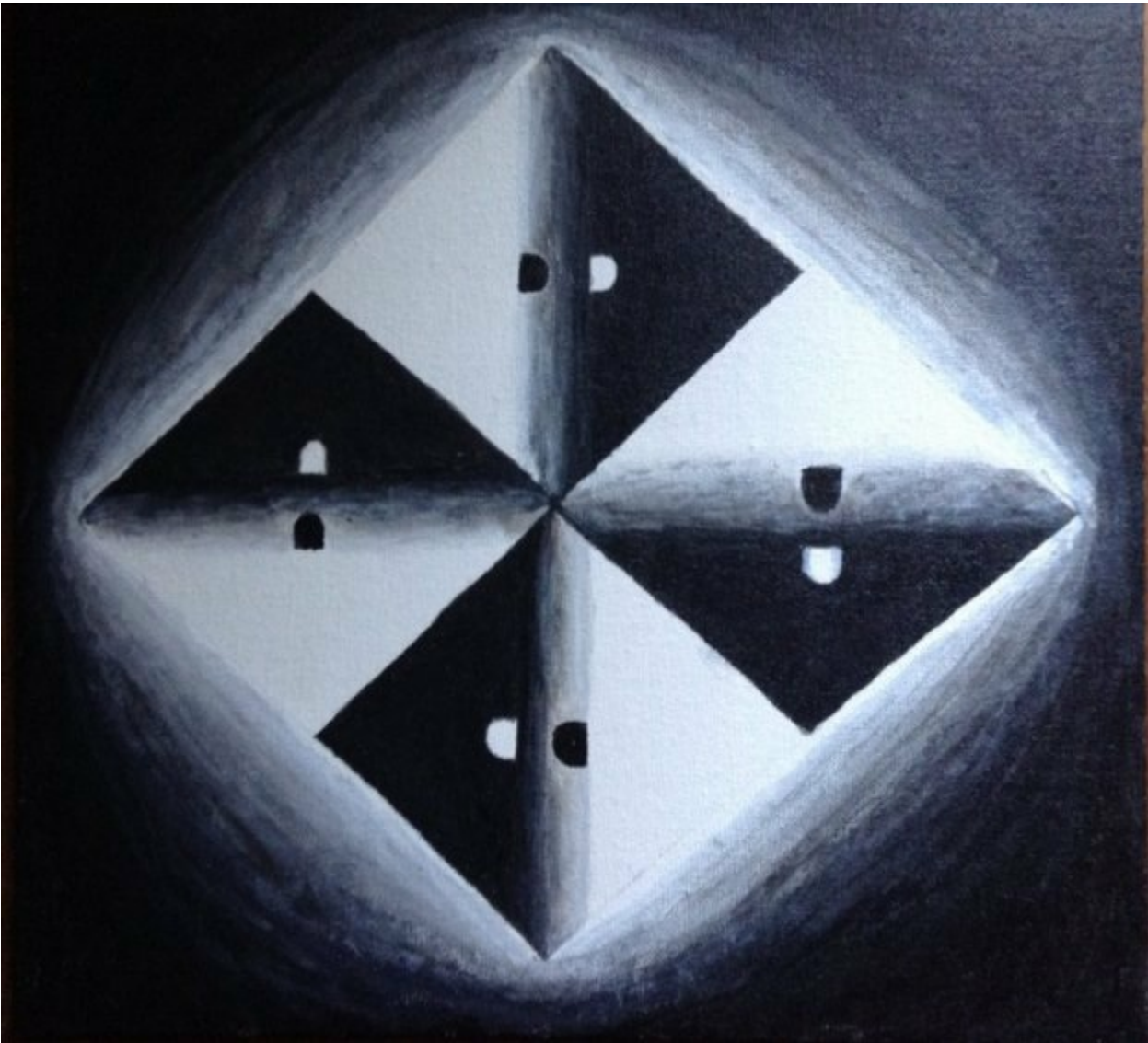


Um Dia Na Vida

DAVID REIS



Um Dia Uma Vida



David Reis

davereis@blogspot.com

[*dr.daviddosreis@gmail.com*](mailto:dr.daviddosreis@gmail.com)

Um dia e uma vida

O sol do início da manhã já estava escaldante. O astro do dia dominava no alto do céu pintado de azul intenso. Parecia uma bola de fogo ardente que secava ainda mais o já árido vale de Los Angeles, por meio dos seus raios impiedosos. Era uma manhã de verão igual a tantas outras debaixo de estas latitudes. O clima desértico, tão característico da região, impedia qualquer humidade no ar. O brilho penetrante que pairava sobre a cidade aniquilava a vista de quem quer tivesse a temeridade de levantar os olhos em direção do céu. Um calor abrasador caía do céu como uma chapa de betão sobre a Terra e as gentes. Apenas uma ligeira brisa teimava em resistir à apatia general. Empurrava ligeiramente os troncos longos, magros e negros das palmeiras que cresciam nos passeios. Lá em cima das árvores altas e lisas, copas com escassas e longas folhas verdes tornejavam lentamente, sopradas pelo vento manso. Por vezes, quando o vento se tornava mais assertivo, folhas secas tornadas firmes e pesadas como tábuas de madeira caíam arrancadas do alto das árvores. Os tombos aliados à dureza das ramagens secas causava esporádicos danos nos infelizes carros estacionados debaixo.

A parte da cidade conhecida por Hollywood era povoada de maneira particularmente mais densa em comparação com os demais bairros. O modelo de urbanismo prevalente nos Estados Unidos dava grande ênfase às ruas largas, às estradas com várias faixas de rodagem. A planta das cidades era por norma organizada com quarteirões em forma de quadrados ou retângulos, mas sempre de ângulos direitos.

Tradicionalmente, as ruas que delimitavam os diferentes quarteirões eram consideradas como artérias principais, e eram, a par das muitas autoestradas, as rotas mais usadas para deslocamentos de

um ponto a outro na cidade. Também eram os lugares designados para as atividades comerciais.

Ninhadas de edifícios rasteiros, que geralmente não ultrapassavam um ou dois andares, povoavam ambos os lados das ruas principais e abrigavam lojas no rés-do-chão.

Também haviam os *strip-mall*, edifícios longos que eram um agregado de comércios de pequenas dimensões repartidos por dois andares e cujas montras, ao contrário dos centros comerciais, davam sobre a rua. Os comércios eram de natureza muito variável, desde mercearias, restaurantes de comida Mexicana, lojas de telemóveis, até dispensários de marijuana.

À medida que se aproximava do *Chinese Theatre*, a presença de lojas de lembranças recordava que muitos turistas acorriam à essa pitoresca zona.

Os passeios eram feitos de placas lisas de cimento cinzento-claro, que descreviam uma ligeira inclinação até culminar nos confins do parapeito e da estrada. Tinham um comprimento de aproximadamente 3 metros, o que não deixava de ser importante em comparação ao resto da cidade, mas que fazia sentido tratando-se de uma área turística e pedonal. Os passeadouros eram manchado com extensas nódoas de urina, e cadáveres de pastilhas esmagadas sobre o chão, tornadas negras de terem sido pisados por tanta sujeira. Tais vestígios eram deixados por passantes sem vagar para deitar o seu lixo no contentor, bem com pela juventude que passava as suas noitadas turbulentas pelas ruas do bairro. Outros suspeitos eram os moradores nómadas, os sem-abrigo que elegiam domicílio sobre a dureza do passeio onde construía as suas habitações, feitas de cartões e jornais.

No Hollywood Boulevard, entre as interseções com a Highland Avenue e a Vineland Street, os passeios refletiam a glória mundial do local. O Hollywood Boulevard era um dos ex-libris da cidade, formoso por todo o país, e pelo mundo. A palavra Hollywood era mágica como uma poderosa encantação. Só o enunciar iluminava logo qualquer conversa e trazia de imediato prestígio ao dono da boca de onde a palavra saísse. Era um símbolo universal onde convergiam os sonhos da espécie humana.

Naquele bairro formoso, até o mais ilustre dos desconhecidos podia privar com os famosos cada vez

que pisasse os chãos calcetados com mosaicos de mármore cor-de-rosa sobre um fundo antracite ornamentados com adornos em cobre, afixando os nomes das mais notáveis vedetas do divertimento. Distintos músicos, atores, e outras figuras da cultura popular ficavam ali temporariamente imortalizadas. Alguns estava no cume da sua glória, enquanto outros, já esquecidos, eram lembrados na pedra aos pés do público, que outrora estivera aos seus. Era também o local do *Chinese Theatre*, grande templo de gosto kitsch, onde os atores do momento iam assistir às “premières” das novas produções cinematográficas organizadas em cerimónias com tapetes vermelhos e grande pompa e circunstancia. Gente acorria do mundo inteiro para poder admirar, pisar, e tirar selfies nas ruas onde o cinema Norte-americano de massa estabeleceu o seu panteão

As primeiras horas do dia encontravam ruas repletas de almas ausentes. Apenas alguns vagabundos, sem rumo para onde seguir, aleitavam-se nos passeios glamorosos chegando-se aos edifícios para lhe aproveitar a sombra e escapar ao imperialismo solar. Ninguém caminha em Los Angeles. O aforismo verificava-se olhando para estrada que rasgava a famosa rua da cidade dos anjos e estrelas ao meio. As estranhamente estreitas faixas de rodagem estavam abarrotas com intermináveis filas de carrões, berlindas, e carrinhas pick-up pagos a prestações. As colunas de automóveis preenchiem toda a largura dos quarteirões, apenas interrompidas pelos cruzamentos, e pelos semáforos.

Cada condutor estava com pressa, e ansiava pelo que a luz passasse do frustrante e odioso vermelho, para o verde libertador. Era o sinal de que havia liberdade para carregar no acelerador, e expressar a potência do músculo de aço. De imediato, as quatro rodas entrariam num círculo vicioso de velocidade, fazendo vista grossa aos mandamentos de moderação. É que havia pressa. Pressa de fugir do imobilismo angustiante, pressa de sentir o alívio do movimento. Pressa de chegar ao emprego a horas. Pressa de chegar a lado nenhum.

O comboio da linha Vermelha do metro fazia a sua entrada na estação. A chagada da carruagem pela beira do cais era acompanhada dum ranger que soava como o trovão, composto a meias pelos freios

que aplicavam pressão sobre as rodas, e pelo embate da carruagem sobre a bitola. A travagem era perfeitamente negociada para fazer coincidir as portas com os pontos de embarco. Já completamente estabilizadas, um breve sinal sonoro de apenas uns segundos de duração avisava os passageiros, tanto no interior das carruagens que no cais, que a abertura das portas automáticas estava iminente. Heather, que se encontrava junto das portas tendo antecipado a paragem e a campainha, já se havia levantado e agarrado à uma barra de metal de forma a manter o equilíbrio. O grande hábito da viagem dispensava-a de ter de olhar para o nome da estação, ou de conferir o itinerário no mapa afixado perto do teto no interior do comboio. Com um estalo metálico, as portas de alumínio com janelas de plexiglas abriam-se como Sésamo. Logo, de forma robótica, os passageiros expectantes no cais apresavam-se de entrar, dificultando a saída dos que haviam chegado ao seu destino, gerando-se alguns encontros entre passageiros andando em sentidos contrários.

Heather aproveitava uma clareira entre os recém-chegados para descer da carruagem e pisar o chão de mármore da estação. Já no meio da plataforma, levava a mão à mala para pegar no iPhone e conferir as horas. Depois de carregar no botão localizado na direita do aparelho, o ecrã negro ascendia-se com a hora. Ao ver “8:37 am” tinha ficado um tanto atrapalhada. Por reflexo, devolvia o telefone ao interior da mala, e retomava a caminhada a passo apressado em direção às escadas rolantes. À cada passo, os saltos altos dos seus sapatos entoavam sobre o chão de granito uma batida binária de tempo *piano*. A marcha era um consenso entre a pressa, e a preocupação em manter uma postura condigna para não sujeitar-se a fazer figura de ridícula em público, coisa que Heather detestava acima de tudo. Prestes a chegar ao início da escada rolante, abrandava a pulsação das suas pernas.

Cuidadosamente, apreciava o ritmo da máquina a fim de identificar o momento mais propício para colocar o pé num degrau iniciando a subida. Começado um novo ciclo, Heather armava a perna direita, e com um pequeno passo ágil, colocava o pé sobre o degrau nascente, antes de juntar rapidamente a bordo a perna esquerda.

Apesar de estar com alguma pressa, desistira da ideia de subir as escadas mecânicas, não querendo

arriscar prender um salto numa das numerosas ranhuras metálicas. Armava-se de paciência e deixava-se levar pelo mecanismo. Chegava-se, educadamente, ao lado direito para deixar a passagem livre a quem quisesse subir os degraus um a um. Enquanto ia viajando em direção à parte superior da estação, refugiava-se pelos seus pensamentos por um instante, tentando evitar cruzar o olhar dos passageiros que na escada rolante contigua faziam o trajeto no sentido oposto.

Heather tinha 26 anos. Era mais alta do que muitas mulheres, e mais baixa do que algumas. Poderia dizer-se que era de uma beleza marginal, mas que todavia encontrava agrado aos olhos de muitos. Tinha um rosto com os contornos de uma amêndoa, vestido de uma pele quase branca como o leite, e sem qualquer imperfeição que viesse interromper a sua suavidade. Uns olhos azuis-claros ornamentavam-lhe o vulto como safiras incrustadas numa coroa de ouro maciço. Os movimentos da vista dela eram paulatinos e doces e atraía a si o olhar alheio, junto com a simpatia. As duas joias eram divididas por um pequeno nariz respingado com sardas castanhas espalhadas ao longo da cana. A cartilagem triangular culminava numa ponta estreita e redonda do nariz. A inclinação era muito próxima dum ângulo perpendicular. Os traços finos conferiam ao seu rosto um ar juvenil, que fazia com que quem não a conhecesse frequentemente lhe calculava cinco ou seis anos mais nova do que era na realidade.

Aos antípodas da forte opulência geral, a sua silhueta era esbelte. O seu busto era estreito e gracioso. O seu peito era generosamente coroadado por seios, cujo volume era realçados pelo contraste com a fineza dos dois braços que os ladeavam. A sua barriga era uma planície fértil, o baixo lombo colinas descrevendo elipses harmoniosamente acentuadas. Apesar de não ser especialmente alta, a elegância das suas pernas criava a ilusão de serem intermináveis. Consciente do poder de atração que lhe conferiam as suas desejáveis curvas, usava sempre roupa justa de maneira a tornar os seus argumentos ainda mais notáveis. Nessa manhã tinha escolhido o seu traje cuidadosamente, para conciliar o realce da sua feminidade com o profissionalismo. A sua escolha tinha recaído sobre uma camisola de alças preta suficientemente próxima do corpo para assinalar os contornos dos seus seios, mas que um colete vinha recatar. Havia recoberto as suas partes carnis com uma saia cor pastel,

ligeiramente aberta sobre o lado direito, e desnudando as suas pernas até por cima dos joelhos. Os seus pequenos pés eram rodeados de sapatos abertos completamente de cor completamente preta, para condizer com o resto do seu vestuário. Saltos altos alteava a sua estatura, e tornavam a sua silhueta ainda mais majestosa.

Ela vivia em Los Angeles há 5 anos. Era natural de Middlebury, uma pequena e pacata cidade do estado de Vermont que ficava no exato oposto de Los Angeles. Como muitos jovens da sua idade, crescera amamentada pela cultura popular produzida em Hollywood. Seja através da televisão, seja na rádio ou nas telas do cinema, a magia, o *glamour* heroico feito em Hollywood era a norma. Maravilhava-se perante a beleza e o carisma que pareciam preencher tudo quanto originava na capital do divertimento. Esse mundo aliciante cheio de fama, de riqueza e de sol contrastava com aquilo que era o seu dia-a-dia de aluna medíocre no liceu de uma pequena vila rodeada de campos de milho, e coberto de neve 5 meses por ano. Casados aos 21 anos, e pais de Heather seis meses mais tarde, os seus progenitores eram ambos empregados havia décadas na mesma fábrica de carnes processadas durante a semana, e devotos cristãos aos Domingos de manhã. Aí, em bons pais, rezavam para que a sua filha única tivesse uma vida melhor do que a deles. Acalentavam esperanças que qualquer dia a pequena Heather conseguisse ser admitida como secretária de direção na empresa que os empregava, o mais prestigiado posto com que jamais poderia ter ao seu alcance.

Mas todas as orações de pouco ou nada tinham valido. Rapidamente, a falta de apetência e de jeito para tudo quanto fossem assuntos académicos ficaram por demais evidentes. Teoremas, teorias e regras tinham pouco encanto aos seus olhos. Apenas os artistas capazes de levar multidões ao delírio é que conquistavam o interesse dela. Desde muito cedo percebera que o propósito da sua vida seria de ser uma estrela. Nunca gostara mais ou menos de música do que de cinema. Ambos eram afinal apenas meios de promoção, escadas mágicas permitindo de alcançar as estrelas. Tudo valia desde que trouxesse fama. Ainda criança, suplicara a mãe de inscrevê-la em aulas de canto, dança, e depois teatro. Os pais então tinham-se castigo em horas extra para poder aceder à paixão da sua filha.

No entanto, tantas aulas não lhe tinha servido para ser popular entre os jovens da sua terra. A sua

constante preocupação em reproduzir os estilos e comportamentos dos famosos tinham-lhe valido de ser alva de escárnio e ostracismo. Passara os seus anos de adolescência a sentir em inadequação com a mentalidade geral, religiosa e conservadora. Sonhar com os seus agressores pedindo-lhe o seu autógrafa a seus pés, ajudava-a a ultrapassar os momentos de solidão e incompreensão. Sabia que qualquer dia, longe daquela terra saloia, ia vencer e ter a sua mais que devida vingança. Este predicado tornara-se como uma profecia. Com os estudos secundários concluídos, e alguns dólares poupados depois de três anos a trabalhar como empregada de mesa, conseguira finalmente aceder ao seu sonho: comprar um bilhete de avião sem data de regresso para Los Angeles. Expecto pelos seus pais, não levara nem deixara saudades nenhuma.

Os primeiros tempos na cidade revelar-se-iam mais complicados do que Heather jamais houvera pensado. Os candidatos à fama excediam em muito as oportunidades existentes, e a cidade não recebe ninguém de braços abertos sem algo em troca. LA podia ter ouro no céu, mas sem dúvida que derreteria impietosamente quem fosse demasiado suave.

Escolhia não baixar os braços, decidia não virar a cara à luta. Para construir currículo aceitava participar em curtas-metragens, e filmes de estudantes. Mas de pouco ou nada valia, nunca era escolhida para papéis minimamente significantes. Tentava concorrer a todos os castings que podia. Os candidatos eram sempre tantos que quase nunca era eleita para o papel. A escolha quase sempre recaía sobre quem tivesse padrinho.

Confrontada com apenas gastos e nenhum encaixe, naturalmente o dinheiro das suas poupanças depressa escasseou. Para poupar com a renda, mudara-se de um T1 para um quarto alugado num apartamento compartilhado. Mesmo assim havia custos que não permitiam cortes. Podia-se poupar em muitas coisas, mas seria sempre preciso comer, e deslocar-se para os quatro cantos da desmesurada cidade. Então, todas as manhãs levantava-se antes do sol para tentar conseguir ganhar uns poucos dólares, passando o dia inteiro sentada no cenário de um programa de televisão. Aí, aplaudia e ria quando lhe era indicado, na sombra das estrelas. A pobreza, porém, não se ficava

pelos confins do reinado material. Se a sua conta bancária era raquíca, as suas relações humanas eram mirradíssimas. Num universo onde se vive a fingir por norma, as ligações eram fúteis, falsas e sempre interesseiras.

Para matar saudades e aliviar preocupações, os pais telefonavam-lhe religiosamente todos os fins-de-semana. Questionada sobre a sua vida do outro lado do país, Heather sempre respondia “Estou ótima! Estou a trabalhar em vários projetos muito promissores e conhecendo gente fantástica e muito influente! Em breve a minha carreira vai começar a sério.” Era sempre sensivelmente o mesmo discurso que lhes era servido. Esporadicamente, introduzia ligeiras variações improvisadas, travestindo as asperidades da verdade, para ganhar uma credibilidade que permitisse sossegar a inquietação dos seus genitores.

Cheios de saudades da filha, os pais sempre lhe solicitavam uma visita. Em 6 anos passados em Los Angeles, apenas havia conseguido juntar dinheiro que chegasse para visitar a sua terra natal uma única vez. Pretextava sempre uma vida profissional frenética para justificar a parca frequência das visitas. Além de única, a estadia tinha sido de curta duração, tendo ela permanecido apenas um fim-de-semana. Os pais, felicíssimos por voltarem a contemplar novamente o rosto do fruto das suas entranhas, haviam recebido de braços abertos a visita da sua filha pródiga.

Impressões de raios de sol já se avistava pela boca do túnel. A perceção do calor da quente manhã de verão ia crescendo à medida que as escadas mecânicas se aproximavam do piso da rua. Apenas a parte superior do aparato de subida estava diretamente exposto à luz do dia. Assim que o tapete automático chegava ao último ponto da sua viagem, Heather sem ter que pensar, dava um passo rápido e seguro para passar para piso da rua.

A estação de metro de Hollywood Highland era composta duma antecâmara abrigando os autómatas responsáveis pela venda de bilhetes, e que separava o fim das escadas mecânicas do passeio.

Heather, como em todos outros dias úteis, começava a sua caminhada em direção ao seu emprego.

Ela era empregada há três anos no departamento de apoio ao cliente numa pequena empresa que vendia sex-toys através da internet. O seu escritório ficava no cruzamento do Sunset Boulevard com a

Highland Street, o que ficava a apenas um quarteirão para Norte da estação de metro de onde acabava de sair. Andando a passo normal, o trajeto não demorava nunca mais de 15 minutos. A distância era escassa, e além disso, costumava andar a passo forçado para juntar a necessidade de se deslocar à utilidade de desfazer-se da formosura supérflua. Num mundo tão competitivo como o do espetáculo, aproveitar cada oportunidade para aperfeiçoar o físico nunca era frívolo. Afinal, num bairro tão emblemático para o cinema, podia-se cruzar-se com alguém influente no meio do entretenimento a qualquer momento, até o mais inoportuno. Por isso convinha estar sempre pronta. As oportunidades, dizia ela, estavam no virar de cada esquina, e a diferença entre os vencedores e os perdedores, era a capacidade de apanhar a glória no momento em que ela surgisse pela frente.

Heather descia pela Highland Avenue, encontrando-se já ao meio do seu trajeto. Os passeios do centro nevrálgico da sétima arte estavam relativamente despidos de peões. Mas a relativa desertificação das ruas não era apenas motivada pelo receio do calor. Los Angeles, de quem Hollywood era freguês, era há muito um reino em que o automóvel era o rei. As distâncias e as condições climáticas, eram tudo razões satélites para explicar o imperativo de se ter um carro. Essas adversidades representavam bem pouco em relação à humilhação que andar a pé imponha. Se a o nível de gama do automóvel possuído definia o estatuto social, a falta dele era considerado pelo burguês tanto como pelo plebeu como o apanágio da baixa ralé, da desgraçada gentinha. Para melhorar a sua prestância social, muitos não pensavam duas vezes em pedir empréstimos insensatos e ruinosos às instituições de crédito, que se portavam como verdadeiros usureiros da sociedade de consumo moderna.

Apenas sem-abrigos, de aspeto nojento, deambulavam falando sozinhos sob efeito da doença mental ou das drogas. As suas silhuetas esfarrapadas iam empurrando carrinhos repletos de sacos de plástico que continham os seus insignificantes haveres. Na paragem de autocarro ereta no limite do passeio, e junto à estrada, um pequeno grupo de trabalhadores pobres de origem Hispânica apertavam-se debaixo do telhado do abrigo para fugirem às mazelas causadas pelo sol. Homens e mulheres iam trajados com roupa barata e fora de moda, que o seu excesso de peso tornava justa. As

suas peles cor de ambro traíam as largas horas passadas em penosas façanhas na canícula. Respingos de sol iluminavam o negro das suas cabeleiras tão grossas que negras, e que o suor fruto do calor brilhantava. Os seus baixos recursos aliado à sua permanência no país de forma por ventura à margem das leis fazia com que o seu quotidiano se limitasse a esperar pelo sonho Americano. Enquanto melhores dias chegavam, esperavam pelas infrequentes e decrepitas camionetas cor-de-laranja de transporte público, para mais uma longa viagem rumo aos seus empregos.

Heather caminhava, e sentia o olhar dos homens Hispânicos virar-se sobre o corpo dela. Já acostumada às duras realidades da cidade, sabia como lidar encontros com esse tipo de populações, que ela julgava potencialmente ameaçadoras. Limitava-se a apertar a sua mala contra si, e não tirava os olhos do chão quando se cruzava com algum potencial representante da malandragem vadia. Quando era alvo do olhar adulterado e sôfrego de homens latinos para a inacessível mulher branca, virava a cara em sinal de repúdio. Nada disso a incomodava muito, este era apenas mais uma manhã de dia útil, mais um dia numa vida que havia de contar muitos mais.

De repente, um tremor provinha da sua mala. A vibração era acompanhada pela música dos Pink Floyd “Fame”. Era o aviso que uma chamada estava a entrar no seu telemóvel. Heather interrompia a sua caminhada para abrir a sua mala, e pegar no telemóvel que estava arrecadado num bolso interior da mala, especialmente concebido para esse efeito. Segurava a mala com uma mão, enquanto a outra mergulhava dentro do saco para extrair o seu iPhone 6 o mais rapidamente possível para não perder a chamada. Heather estranhou, pois não estava à espera de nenhum telefonema nessa manhã. Na verdade, a curiosidade em descobrir a proveniência do telefonema era uma motivação bem maior do que a ânsia de atender a chamada. Conferir o número de telefone da chamada no ecrã do seu telemóvel permitia-lhe decidir qual o melhor seguimento a dar ao telefonema: atender ou rejeitar. Essa filtragem permitira-lhe desembaraçar-se das incessantes chamadas de organismos de crédito, de telemarketing, assim como antigos amantes indesejáveis.

Desta vez o número que aparecia era desconhecido, e o formato tão pouco indicava uma chamada de

tipo comercial. Quem poderia ser? Impunha-se atender a chamada.

Heather passava furtivamente o seu Polgar esquerdo sobre o ecrã tátil do seu telefone, enquanto levava rapidamente a aparelho ao seu ouvido.

“Estou sim?” Lançou ela num tom de voz que deixava transparecer alguma ansiedade. De outro lado da comunicação uma suave voz masculina perguntava: “É do telemóvel da Heather Weeks?”

-“Sim, fala Heather Weeks”

-“Bom dia miss Heather, o meu nome é Andy Massro, sou produtor assistente na Mirage Films.

Recebemos a sua candidatura há uns meses atrás em relação ao papel principal para um episódio piloto para o qual havíamos publicado um classificado. Ainda está disponível e interessada no papel?” O fluxo das palavras tinham sido de tal forma rápido, que o seu cérebro tivera tido tempo apenas para decodificar o seu significado, mas não as suas implicações.

-“Sim...Claro... sim, estou interessada.” Respondia Heather, tremendo com a voz que articulava as palavras, e com a mão que segurava o telemóvel. Dava uns passos na direção das montras dos para imergir-se na sombra dos edifícios, e resguardar a sua pele pálida do sol.

-“Ótimo!” Respondia o afável interlocutor. Notava-se que se tratava de um homem de ampla experiência em lidar com gente emocionada por telefone, tão minimamente incomodado com as hesitações da sua colocutora.

-“Sei que a sua candidatura já foi há alguns meses, mas neste momento já conseguimos todas as autorizações necessárias, assim como os financiamentos.” A voz do homem, instantes antes tão neutra e profissional, já não conseguia disfarçar um sorriso no seu falar. Continuava: “O episódio piloto é encomendado pela cadeia ABC. O contrato com o canal prevê a produção de uma temporada de 25 episódios destinados a serem transmitidos em rede nacional, em caso de sucesso do piloto. As equipas técnicas já foram definidas e estamos a tentar finalizar recrutamento do elenco o mais rapidamente possível. O realizador deste projeto gostou imenso do seu perfil, e gostaria de contar consigo para um casting em pronto. Quais seriam as suas disponibilidades?” Acabava o seu discurso já com a fala regressada dentro dos padrões do profissionalismo.

As palavras que Heather acabava de ouvir saídas do minúsculo orifício tinham o efeito precipitá-la para um estado de alta euforia, apoderando-se do seu ser e de cada um dos seus sentidos. O magma de sons da barulhenta rua tinha subitamente deixado de existir.

-Mmmh, hoje...posso...quer dizer..hoje saio do emprego às três da farda... perdão.. Às três da tarde. Balbuciava ela, instantaneamente despida da sua excentricidade natural de famosa em progresso.

- Muito bem! Respondia o funcionário. Caso não se lembre, os nossos escritórios estão localizados no número 6320 da Electric Street em Santa Mónica. O realizador tem tempo para reunir-se consigo hoje às três e meia, pode ser?” A pergunta soava ao mesmo tempo afável, mas assertiva de tal forma a dar a perceber que a margem de manobra era escassa, e que qualquer contratempo poderia significar a morte do artista.

-“Três e meia em Santa Mónica?” Conferia Heather, “Perfeito, lá estarei, podem contar comigo. Devo trazer alguma coisa em particular?” Tentando contrariar a excitação, e parecer preparada e profissional tanto quanto fosse desejável. Durante um instante, acariciara a ideia de tirar o dia e seguir diretamente para o local da entrevista. Mas rapidamente, o seu profissionalismo sem falhas voltava a falar mais alto perante a perspectiva de deixar trabalho a desdobrar cair em cima dos seus colegas.

-Se pudesse trazer consigo uma cópia do seu *book*, bem como do seu CV, agradeceríamos. Mais uma recomendação, não estacione na rua arrisca-se a ser multada. Temos um parque de estacionamento que se encontra por detrás do nosso edifício, pode usá-lo à vontade. O escritório fica no segundo andar. Quando chegar, apresente-se à rececionista, ela entregará-lhe uns formulários para você preencher, e dirigi-la-á ao gabinete do nosso realizador, o senhor Rick Levinsky.” Rick Levinsky! Era a nova coqueluche do mundo do cinema! Tudo quando fosse produzido por ele tornava-se um êxito. A sua carreira já contava vários sucessos de bilheteiras, bem como uma nomeação para os Óscares. Trabalhar com ele era a garantia de que a sua carreira ficaria lançada.

-“Está bem” assentia Heather, já em tom de despedida. “Então encontramos-nos esta tarde às três e meia. MUITÍSSIMO obrigada pela chamada e pela oportunidade!” O agradecimento efusivo, por

ventura dispensável, traduzia a pouca habituação de Heather em ser escolhida para participar em projetos.

-“Ótimo! Então até logo! Adeus.” Despedia-se o funcionário, instantes antes de desligar a chamada.

- “Adeus!” Correspondia Heather. Ainda debaixo do feitiço da notícia, permanecia mais uns segundos de ouvido colado ao telemóvel, pasmada, antes de se aperceber que a chamada já tinha acabado.

Já de regresso aos seus sentidos, carregava na tecla virtual para desligar a chamada, e arrecadava rapidamente o seu iPhone 6 no bolso dentro da sua mala. “YEEESSSSSSSSSS!!!” Soltava um berro de regozijo, acompanhado de um pequeno pulo pelos ares de Hollywood. Os trabalhadores Hispânicos e os vagabundos Brancos e Negros, assustados pelo inesperado clamor, viravam-se rapidamente para apurar o que motivara tamanha exclamação. Deparando-se com Heather de sorriso beato e aos pulos, não conseguiram reprimir umas zombarias perante a caráter caricato da situação. Adivinhava-se o escárnio e o gozo nos olhares, e os impercetíveis comentários que trocavam entre eles.

Mas essa baixa ralé não constava no mundo de Heather. Ela já pairava no céu entre as estrelas, cintilando e rasgando a escuridão celeste. Eles, lá em baixo, empapados em existências obscuras e medíocres, cujo único ponto alto seria de levantar os olhos para o céu e sonhar com a sua longínqua luz galáctica, eram insignificantes.

Finalmente, o mundo do espetáculo rendera-se ao seu talento. Até que em fim que tinha chegado o dia em que se lhe dera a conhecer o doce sabor da glória, e que todos aqueles que outrora a tinham desvenerado iam provar o amargo sabor da vingança e da inveja. Os seus sonhos estavam prestes a tornarem-se realidade. Os dias de vacas magras haviam acabado no momento em que aquele telefonema tinha começado.

Porém, a entrevista não era antes das três da tarde, e ainda havia um dia de trabalho pela frente. Eram as dez para as nove, e o tempo de entrar para trabalho estava a chegar. Por isso, era mais que tempo de retomar a caminhada em direção ao escritório. Era uma manhã quente, mas um soberbo dia sobretudo. Heather galopava sobre o passeio para assegurar que a chegaria antes do prazo. O salto

alto dos seus sapatos batia contra o chão como um metrónomo dava uma batida em ritmo *allegretto*, passo trás passo.

Rapidamente, as luzes fugazes dos semáforos regulamentando o tráfico da interseção da Highland e Sunset já se avistavam, o que a deixava ficar um pouco mais descontraída. Afinal, tudo funcionara conforme planeado. Estava prestes a chegar a horas, o que era sempre uma agradável notícia uma vez que o seu chefe era bastante intransigente no que à pontualidade dizia respeito, entre outras coisas. Mais uns passos, agora virando à direita da esquina para o Sunset Boulevard. Só lhe restava atravessar a estrada para alcançar o outro lado da rua onde o edifício do seu escritório se erguia. O Sunset Boulevard, como vital artéria da Cidade dos Anjos, tinha um tráfego carregado. Heather chegava-se ao semáforo para carregar no botão de regulador do sinal mas, em boa menina asseada, preterira o cotovelo à mão para acionar o sistema, resguardando assim a sua boa higiene. O compasso de espera pela luz verde vinha em boa hora para ser uma pausa. A marcha em ritmo forçado com sapatos de salto alto a que se tinha submetido desde a estação tinham deixado os seus calcanhares pungentes.

Os peões, sendo espécie rara na cidade, tinham que imitar a paciência dos santos sempre que era tempo de atravessar uma rua. Optando pelos caminhos do purgatório, Heather esperava e desesperava perante as persistentes luzes verde-maçã, hasteadas como estandartes no alto dos postes sinaléticos. Mais abaixo nos postes dos semáforos, o homem vermelho que se mantinha de mãos nas ancas, à janela da sua casa de ferro, sugeria o imobilismo. Motivada por um impulso que não conseguia conter, Heather multiplicava as solicitações ao botão. A sua teimosia era, todavia, mais destinada a aliviar a sua irritação do que propriamente na esperança de que a sua ação chegasse a ter qualquer influência no aparelho. O seu olhar seguia persistentemente pousado sobre a trindade das luzes, com receio de perder o primeiro instante em que a autoridade vermelha opor-se-ia ao trânsito. E que uma vez a paragem instaurado e permitir-lhe-ia pousar o pé no asfalto. Os automóveis iam passando, inexoravelmente, um a um, acionados pelos seus condutores apressados. Heather batia o seu salto direito contra o passeio, para aliviar a demora que parecia não ter fim.

Uma nuvem isolada no céu passava paulatinamente pela imensidão da estratosfera. Parecia um rebanho de ovelhas branquinhas pastando, cerradinhas umas contra as outras, num chão azul. A trajetória da nuvem tornava-se perceptível como passava entre a interseção da Sunset Boulevard e da Highland Avenue. A massa nebulosa opaca perfeitamente alinhada entre o sol e a Terra interrompia a chuva de luz diurna. O cruzamento encontrava-se, momentaneamente, mergulhado numa sombra incharacterística.

As luzes verdes apagavam-se. Quase de imediato, os círculos amarelos tornavam-se visíveis. Os carros continuavam, de lado e de outro, a cruzar a interseção como se nada fosse. Mas o reino das luzes amarelas era de curta duração. De pronto desapareciam, expulsas para dar lugar às tão desejadas lâmpadas vermelhas. A sua autoridade inflexível fazia sentir-se quase de imediato. Os condutores puxavam pelo pé para carregar no pedal de travão, de maneiras a abrandar a velocidade dos seus automóveis progressivamente e pará-los antes da linha dos semáforos. Em ambos os lados da rua, os carros já se encontravam em posição parada, alinhados a curta distância uns atrás dos outros.

Heather acabava de se lembrar que se tinha esquecido de telefonar a uma cliente para informá-lo que o artigo que tinha encomendado tinha esgotado. Ficava sempre apreensiva perante tais situações, receando ter que lidar com uma pessoa indelicada. Apesar de a sua vida estar prestes a dar uma volta, o seu profissionalismo ímpar não lhe consentia nenhum laxismo no seu trabalho. Era um problema menor, mas uma contrariedade todavia.

A personagem verde na janela da sua casa de metal fazia sinal o tempo de atravessar. Heather era a única pretendente à passagem, e depois de um superficial olhar de parte e de outro, iniciava a travessia do Sunset Boulevard. Descia do passeio para a estrada, colocando o salto do pé direito na passadeira, e a sola no alcatrão. O revestimento, muito fustigado, estava fissurado em muitos sítios, e já faltava em inúmeros outros.

Enquanto Heather começava a sua travessia, um Maserati de cor branca luzidio descia pela Highland

Boulevard, lançado a uma velocidade à margens das leis. A medida que ia aproximando-se da interseção com o Sunset Boulevard, a grande máquina puxava um pouco mais pelos portentosos cilindres que possuía para mudar-se bruscamente e sem acionar o pisca-pisca, para a faixa de rodagem da direita. Dado o luxo exibido pelo automóvel, e o estilo de condução agressivo, supunha-se que era um ilustre quem viajava dentro da viatura. Adivinhava-se que devia tratar-se de mais um famoso do cinema, da canção, ou da televisão que, atrasado, se dirigia para qualquer um dos vários estúdios instalados nas vizinhanças. As pessoas presentes nas ruas semidesertas lançavam olhares inquiridores na esperança de pousar a vista em cima duma cara famosa. Os vidros fumados apenas permitiam distinguir um homem de braço erguido, visivelmente de ouvido colado ao telemóvel.

O Maserati estava prestes a chegar ao Sunset Boulevard. Os semáforos exibiam luzes verdes, convidando o trânsito a prosseguir em frente. Sem abrandar, sem prestar atenção às suas imediações, o carro luxuoso virava à direita e atropelava Heather impiedosamente. Tudo tinha-se passado enquanto o diabo esfrega um olho. O automóvel tinha-a ceifado aquando ela ainda se encontrava a meio da passadeira. A parte frontal da viatura tinha entrado em rota colisão com flancos da jovem mulher. O impacto tinha sido terrível, e acompanhado de rangidos sórdidos de ossos a serem quebrados. A violência monstruosa do embate havia projetado Heather sobre o capô branco imaculado. O seu corpo tinha sido incapaz de opor qualquer resistência. Era como se um tornado varresse uma palha.

Depois de várias voltas sobre o capô do carro, a vítima perseguia o seu caminho até encontrar-se com o para-brisa, estilhaçando-o em milhares de pedaços dentro do filme protetor. A forma fortemente inclinada do vidro agia como rampa de lançamento e indicava-lhe o seu próximo paradeiro. O seu calvário perseguia-se agora pelos ares, desemparrada como um pino atropelado por uma maciça bola de *bowling*. Rodopiava sobre si própria um número incalculável de vezes, à maneira dum acrobata dum circo macabra, até atingir o auge do seu caminho a uns cinco metros acima do alcatrão.

Como uma seca e prescindível folha cai do alto da árvore no outono depois de ter gozado a primavera e a verão, o corpo de Heather voltava para a passadeira, aterrando sobre a cabeça. Em redor dela, uma maré de sangue espalhava-se sobre o asfalto Angelino mal tratado. A cena parecia ter durado uma eternidade, mas tinha apenas demorado um punhado de instantes, tal como uma vida.

Por todos os lados gritos de terror faziam-se ouvir. Os poucos peões presentes na rua tinham acorrido, os carros em redor tinham parado e os seus condutores saído para fora dos seus automóveis. Um estado de pânico generalizado tinha-se apoderado do local. Todos motivados meio pela solidariedade com a vítima, meio por não querer perder uma soberana ocasião de satisfazer o prazer *voyeur* de tamanho espetáculo macabro.

Ouvia-se “Chamem a polícia!”, “Chamem uma ambulância!”, “Meu Deus!”, “Apanhem esse filho da puta!”. Outros rodeavam a vítima e tentavam chamar por ela “Menina, você está bem?”, enquanto alguns, tentando assumir liderança nos primeiros cuidados a administrar, equacionavam praticar uma massagem cardíaca. A abundância de sangue sobre a vítima, aliada à falta de conhecimento adequado, levaram a que as boas intenções não passassem de palavras e de olhares desemparedados. Rapidamente as sirenes da ambulância e da polícia ressoava no ar. Ambos chegavam aproximadamente ao mesmo tempo. Os paramédicos saltavam prontamente da sua carrinha com o seu material e dispersavam o amantelado de curioso, antes de dobrar-se sobre Heather para tentar salvar-lhe a vida. Mas era já apenas um composto de carne, osso e pele que jazia no meio da passadeira do Sunset Boulevard. Heather já lá não constava.

Os numerosos agentes da brigada de trânsito destacados para o local tinham interrompido a circulação na interseção e organizado um desvio para as ruas adjacentes. Enquanto isso, a polícia recolhia os primeiros depoimentos para tentar averiguar o que tinha sucedido. Rapidamente as testemunhas tinham apontado para o Maserati branco, que tinha permanecido imóvel desde o desastre. Dois agentes aproximavam-se cuidadosamente do carro. Apesar de toda a confusão que se tinha gerado, o condutor tinha permanecido sentado dentro do seu automóvel com o seu vidro

entreaberto o tempo todo.

Já a menos do um metro do carro os policias descobriam um homem Branco que parecia ser trintão, embora mais perto dos quarenta do que dos trinta. Usava cabelo curto castanho claro, uma barba de uma semana, e a vista era escondida por detrás de óculos negros que não deixavam transparecer nada. Era vestido com uma camisa branca de belo aspeto, provavelmente de marca dispendiosa e aberta até ao meio do peito. As mangas arregaçadas até aos cotovelos deixavam ficar nus braços cobertos com tatuagens. Conseguia-se distinguir umas calças de ganga esfarrapas nos joelhos que iam desaparecendo com as suas pernas debaixo do volante. Estava com um ar tranquilo e de ouvido no telemóvel, aparentemente no meio duma conversa de negócios.

-“Bill, *dude*, esta tarde não vou poder estar no escritório em Santa Mónica. Tive um desastre com o meu novo Maserati, sim atropeli um peão. Não, não te preocupes. A polícia já está aqui mas eu já liguei para o meu advogado perito em direito rodoviário. Mete-se um requerimento, paga-se uma fiança, e lá para o fim da tarde já devo estar operacional. Apostas que as reparações do carro ainda me vão sair mais caras, com aquilo que os gajos da Maserati costumam cobrar, tu queres ver que ainda sai mais barato passar uma gaja a ferro ha ha ha!” Dizia ele, acabando com uma grande gargalhada.

Os polícias, siderados com a cena a que estavam a assistir, olhavam um para o outro como que para confirmar que se tratava da realidade. O primeiro agente, visivelmente o mais graduado dos dois, comandava com um tom firme:

-“Por favor termine a sua chamada, e coloque as suas mãos abertas através da janela do seu veículo.” Ambos os agentes estavam alertas, com a mão direita sobre a sua arma de serviço, como mandavam os bons procedimentos.

-“Bill tenho que ir andando, ligo-te mais logo, está bem?” Despedia-se o automobilista do seu interlocutor, antes de arrumar o seu telemóvel último grito no bolso das suas calças, e de colocar as suas mãos à vista pela janela. O segundo agente aproximava-se do veículo e abria a porta cuidadosamente, não tirando os olhos do suspeito um único instante.

- “Agora cruze as mãos atrás da cabeça, e saia do carro lentamente.” Liderava o primeiro agente. O homem cumpria com as ordens, e saia do automóvel ficando empinado junto à porta aberta.
- “Vire-se guardando sem mexer as mãos. Traz alguma arma consigo?” Perguntava o primeiro agente antes de começar uma palpação.
- “Não senhor agente.” Respondia o homem como se não fosse nada com ele, enquanto o segundo polícia inspecionava minuciosamente os membros do homem à procura de qualquer rebolo suspeito.
- “Você tomou drogas, ou bebeu álcool? Tem algum mandato de captura contra si?” Inquiria o agente graduado.
- “Nada disso. Por favor senhor agente, haverá alguma maneira de tornar este processo um pouco mais célere? É que sou um homem extremamente ocupado. Vocês não me reconheceram? Vocês não devem ligar nada ao mundo do cinema, pois não?” Dizia o automobilista, quase a soltar uma gargalhada.
- “Quem faz perguntas aqui sou eu, e mais ninguém.” Respondia o polícia, tentando imprimir um tom mais áspero à sua voz para intimidar o suspeito e assentar a sua autoridade. “Você acabou de provocar a morte a um ser humano, deveria mostrar um pouco mais de contenção e de respeito. Qual é o seu nome?”
- “Está bem, senhor agente. Você é que manda!” Respondia o homem, cheio de desenvoltura, e minimamente afetado pelas suas responsabilidades.
- “O meu nome é Rick Levinsky.”

